

ANIMAIS SILVESTRES**P-070****BABESIA SP. PARASITANDO TAMANDUÁ MIRIM (*TAMANDUA TETRADACTYLA*) DE VIDA LIVRE EM LAGES, SANTA CATARINA**

Julietta Volpato¹; Mirelly Medeiros Coelho²; Nádia Cristine Weinert²; Cláudio Roberto Scabelo Mattoso³; Bruno Lunardeli²; Mere Erika Saito³

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal – UDESC.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal – UDESC.

³ Prof. do Departamento de Medicina Veterinária – CAV/UDESC.

A babesiose é uma doença causada pelo protozoário do gênero *Babesia* sp., transmitida por carrapatos ixodídeos. A infestação acomete animais domésticos e silvestres. A *Babesia* parasita os eritrócitos do hospedeiro, causando hemólise intravascular. A babesiose pode ser diagnosticada por observação direta do parasita em esfregaço sanguíneo ou por técnicas como a Reação em Cadeia da Polimerase (PCR). O presente trabalho documenta o aparecimento do parasitismo de *Babesia* em um tamanduá mirim (*Tamandua tetradactyla*), macho, filhote, trazido ao Hospital de Clínica Veterinária, CAV/UDESC pela polícia ambiental, em setembro de 2011. O animal apresentava-se subnutrido, com leve hipoglicemia, porém apresentava-se clinicamente bem. Para melhor avaliação do paciente, foi realizada a coleta de amostra de sangue (venopunção jugular) para realização de hemograma completo. O sangue foi acondicionado em tubo com anticoagulante EDTA (10%). Foram avaliadas: contagem de eritrócitos, dosagem de hemoglobina, mensuração do hematócrito (Ht), avaliação dos índices hematimétricos (volume globular médio-VGM e concentração de hemoglobina globular média-CHGM), contagem total e diferencial de leucócitos, contagem de plaquetas, pesquisa de hemoparasitas em esfregaço sanguíneo, dosagem de proteína plasmática total e fibrinogênio, e contagem de reticulócitos. A pesquisa de *babesia* foi efetuada com oligonucleotídeos específicos por PCR para *Babesia* sp. O hemograma realizado no dia em que o animal deu entrada no Hospital Veterinário não mostrou nenhuma alteração significativa, estando todos os parâmetros avaliados dentro do intervalo de referência para a espécie. A única alteração encontrada foi a presença de estruturas compatíveis com *Babesia* sp. no esfregaço sanguíneo. O paciente não apresentava anemia, resposta medular à diminuição de hemácias, confirmada através da quantidade normal de reticulócitos na circulação, ou icterícia, que seriam achados comuns em animais com babesiose. A PCR confirmou a presença de *Babesia* sp. na amostra de sangue enviada. Dessa forma, o paciente foi caracterizado como um animal portador, e não como um doente. O animal permaneceu no HCV recebendo cuidados e alimentação adequada. Não foi realizado tratamento específico para babesiose. Após quatro dias, outro hemograma foi realizado, mostrando resultados similares ao primeiro, sendo que ainda foram encontradas estruturas compatíveis com *Babesia* sp. no interior de eritrócitos. O animal apresentava-se bem clinicamente e foi realocado em um zoológico da região. Pela falta de sinais clínicos e alterações hematológicas, acredita-se que o animal era um portador de *Babesia* sp.

Palavras-chave: Tamanduá mirim, *Tamandua tetradactyla*, *Babesia*.

ANIMAIS SILVESTRES**P-071****CARACTERÍSTICAS ANATÔMICAS DO PLEXO LOMBOSSACRAL DE RAPOSIHA-DO-MATO (*CERDOCYON THOUS*; LINNAEUS, 1706)**

Natasha Milen Varjão¹; Márcia Maria Magalhães Dantas de Faria²; Ana Elisa Fernandes de Souza Almeida²; Marta Adami²; Ricardo Diniz Guerra e Silva²; Maria das Graças Farias Pinto²

¹ Aluna de Iniciação Científica da MEVZ. ² Professor de Anatomia dos Animais Domésticos do Departamento de Anatomia, Patologia e Clínicas Veterinárias da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia (MEVZ) da Universidade Federal da Bahia. E-mail: natashavarjao@ig.com.br

Foi investigada a origem e os nervos resultantes do plexo lombossacral de Raposinha-do-mato (*Cerdocyon thous*), visando à obtenção de base de dados para a realização de novas técnicas de abordagens na clínica e cirurgia a esses animais, de forma a contribuir para a preservação dessa espécie. Foram utilizados três *Cerdocyons thous*, um macho e duas fêmeas, de diferentes faixas etárias, que vieram a óbito por causas naturais e que foram doados pelo Centro de Triagem de Animais Silvestres – CETAS da cidade de Salvador-Bahia, localizado no bairro do Cabula, ao Setor de Anatomia Veterinária do Departamento de Anatomia, Patologia e Clínicas Veterinárias, da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal da Bahia (EMVZ-UFBA). Os animais foram fixados pela artéria carótida comum e conservados em solução aquosa de Formaldeído a 10%, antes dos procedimentos de dissecação das estruturas anatômicas a serem analisadas. Observou-se que todos os exemplares trabalhados apresentaram sete vértebras lombares e três sacrais, com seus respectivos nervos espinhais. Também foi verificado que o plexo lombossacral é constituído, em ambos os antímeros, pelo quarto, quinto, sexto e sétimo ramos ventrais dos nervos espinhais lombares (L4, L5, L6 e L7) e primeiro e segundo ramos espinhais dos nervos sacrais (S1 e S2), embora houvesse variações entre os espécimes. É importante ressaltar que as emergências nervosas de L4, L5, L6 e L7 e às vezes da L3, S1 e S2 se interligam para a formação do plexo lombossacral, que supre as estruturas músculo-esqueléticas do membro pélvico. A medula espinhal, no *Cerdocyons thous* finaliza-se no nível da sétima vértebra lombar (L7), sendo de grande importância, principalmente no emprego correto de anestésias regionais, a exemplo da epidural. Quanto à presença de filetes nervosos e anastomoses, características apresentadas nas estruturas analisadas, estes favorecem um maior território de inervação; o que pode auxiliar nos protocolos anestésicos, cirúrgicos e no atendimento clínico dessa espécie. Os nervos formadores do plexo lombossacral são: Femoral, Obturador e Isquiático.

Palavras-chave: Plexo lombossacral; Raposinha-do-mato; Anatomia.

ANIMAIS SILVESTRES**P-072****CASUÍSTICA CLÍNICA DO AMBULATÓRIO DE ANIMAIS SILVESTRES E EXÓTICOS DA UFBA**

Bruna Lima e Cima Miranda¹; Rodrigo Arapiraca Pinto¹; Alan Santos Beanes¹; Ianei Carneiro²; Janis Cumming Hohlenwerger³; Pollyana Silva Santos⁴; Paulo César Costa Maia⁵

¹ Graduando em Medicina Veterinária da UFBA. ² Mestranda em Ciência Animal nos Trópicos – UFBA. ³ Mestranda em Zootecnia – UFBA. ⁴ Doutoranda em Ciência Animal nos Trópicos – UFBA. ⁵ Professor do Departamento de Medicina Veterinária Preventiva – UFBA.